



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 19, v. 2
jul-dez.2023
p. 254-277

O Império contra-ataca: um manifesto pós-transexual¹

(*The “Empire” Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*)

(*El “Imperio” Contraataca: Un Manifiesto Post-Transexual*)

Sandy Stone²

RESUMO: Neste ensaio considerado o marco fundador dos estudos trans estadunidenses, Sandy Stone, a partir da análise de autobiografias de mulheres trans e de literatura médica, examina e desafia o modo como saberes médicos historicamente investigaram e elaboraram concepções normativas sobre a transexualidade. A autora aponta pressupostos cisheteronormativos que orientaram a produção de conhecimento de profissionais da medicina acerca do trânsito de gênero, e conecta esse campo de pesquisa e intervenção com discursos de feministas radicais em um cerne fundamental: a apreensão de pessoas trans como alienadas e incapazes de compreender e expressar verdade sobre si. Se em um primeiro momento pode ser lido como uma resposta ao livro anti-trans “The Transsexual Empire” de Janice Raymond, “O império contra-ataca” se mostra mais do que isso: é uma crítica à exclusão de pessoas trans do regime de enunciação sobre subjetividades e experiência trans, e um chamamento para que tais sujeitos se apropriem de sua capacidade transformativa e disruptiva, participando na formação de um movimento intelectual, criativo e político contra-discursivo.

Abstract: In this essay considered to be the founding landmark of American transgender studies, Sandy Stone, analyzing autobiographies of trans women and medical literature, examines and challenges the way in which medical knowledge has historically investigated and cultivated normative conceptions about transsexuality. The author points out cisheteronormative assumptions that guided the production of knowledge by medical professionals about gender variance and connects this field of research and intervention with trans-exclusionary feminist discourses in a fundamental aspect: the thought of trans people as alienated and incapable of understanding and expressing truth about themselves. If at first it can be read as a response to the anti-trans book “The Transsexual Empire” by Janice Raymond, “The Empire Strikes Back” proves to be more than that: it is a critique of the exclusion of trans people from the regime of enunciation about trans subjectivity and experience, and a call for such subjects to appropriate themselves of their transformative and disruptive capacity, participating in the formation of a counter-discursive intellectual, creative and political movement.

Resumen: En este ensayo considerado el hito fundacional de los estudios trans estadounidenses, Sandy Stone, a partir del análisis de autobiografias de mujeres trans y de la literatura médica, examina y cuestiona la forma con que el conocimiento médico ha históricamente investigado y desarrollado concepciones normativas sobre la transexualidad. La autora señala suposiciones cisheteronormativas que guiaron la producción de conocimiento por parte de los profesionales médicos sobre el tránsito de género, y conecta este campo de investigación e intervención con los discursos feministas radicales en un aspecto fundamental: el entendimiento de las personas trans como alienadas e incapaces de comprender y expresar la verdad. acerca de si mismas. Si en principio se puede leerlo como una respuesta al libro anti-trans “El imperio transexual” de Janice Raymond, “El imperio contraataca” resulta ser más que eso: es una crítica a la exclusión de las personas trans del régimen de enunciación sobre subjetividades y experiencias trans, y un llamado a que dichos sujetos se apropien de su capacidad transformadora y disruptiva, participando en la formación de un movimiento intelectual, creativo y político contradiscursivo.

1 Tradução do original escrito e publicado em inglês “The Empire strikes back: a posttransexual manifesto.” O histórico de publicações do texto está descrito nas últimas páginas deste documento; a tradução foi realizada a partir da versão disponível em <https://sandystone.com/empire-strikes-back.pdf>, site oficial da autora. Esta versão está disponível sob as regras do Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

2 Sandy Stone, também conhecida como Allucquère Rosanne Stone, é multiartista e escritora. Foi engenheira de som e professora da Universidade de Texas-Austin, onde fundou e dirigiu o Advanced Communication Technologies Laboratory (ACTLab). Tradução produzida por Lux Ferreira Lima, antropóloga e pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Mestrado Interdisciplinas em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA)/Unicamp. Email: lux.f.lima@gmail.com. Revisão realizada por Maurício Rodrigues Pinto, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/USP). Email: maorodrigues@usp.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 28/02/2023

Aceito em 18/06/2023

1 Rãs convertidas em princesas

As colinas verdejantes de Casablanca encaravam as casas e lojas amontoadas em ruas estreitas e tortuosas repletas do cheiro de especiarias e estrume. Casablanca é uma cidade muito antiga, ignorada por Lawrence Durrell como lagar do amor³ talvez apenas devido a um acidente geográfico. No bairro mais moderno, localizado em um *boulevard* amplo e ensolarado, há um edifício sem maiores atrativos, a não ser por conta de uma pequena placa de cobre que o identifica como a clínica do Dr. Georges Burou. Ela é predominantemente dedicada a obstetrícia e ginecologia, mas por muitos anos tem mantido outra reputação relativamente desconhecida ao fluxo de mulheres marroquinas que passam pelos seus cômodos.

Dr. Burou está sendo visitado pelo jornalista James Morris. Morris se inquieta na antessala, lendo revistas *Elle* e *Paris-Match* com desatenção, porque está em uma missão de imenso caráter pessoal. Por fim a recepcionista o chama, e ele é levado à área interior. Relata:

Eu fui levado pelos corredores, subindo as escadas, em direção ao ambiente interno da clínica. A atmosfera se adensava conforme seguíamos. Os quartos se tornaram mais adornados com cortinas pesadas, aveludadas, voluptuosas. Retratos de busto apareceram e havia um indício de perfume forte. Eu vi, enquanto avançávamos pelas alcovas desse retiro que sugeria o magnetismo de um harém, uma figura não menos reconhecível como odalisca. Era Madame Barou. Ela usava um vestido branco longo, creio que amarrado na cintura, o que sutilmente conseguia combinar a exuberância de um caftan com a higiene de um uniforme de enfermeira, e ela era loira, e cuidadosamente misteriosa... Forças além do meu controle tinham me trazido até o Quarto 5 na clínica em Casablanca, e eu não podia fugir nem se quisesse... Fui me despedir de mim no espelho. Nunca nos encontraríamos de novo, e eu queria dar a esse outro eu um último longo olhar nos olhos, e uma piscadela para dar sorte. Conforme eu fazia isso, um vendedor ambulante do lado de fora tocava um arpeggio delicado em sua flauta, um som gentil e alegre que repetia, de novo e de novo, em doce diminuendo. Voos de anjos, dizia a mim mesmo, e então cambaleei... em direção à cama, em direção ao esquecimento (MORRIS, 1974, p. 155).

Sai James Morris, entra Jan Morris, através da intervenção de práticas médicas de fim do século XX nessa narrativa maravilhosamente “oriental”, quase religiosa de transformação. A passagem é de “Conundrum”, a estória⁴ da “mudança de sexo” de Morris, e as consequências disso em sua vida. Além da piscadela para dar sorte, há outra cerimônia obrigatória conhecida por mulheres transexuais, que é chamada de “torcer o pescoço do peru” – embora não haja registro de Morris tê-la realizado. Retornarei a essa passagem depois em mais detalhes.

2 Fazendo história

Imagine agora uma passagem rápida das vielas de Casablanca para as colinas verdes de

3 Stone faz referência à descrição que Durrell faz de Alexandria como “o grande lagar do amor” em sua tetralogia de romances que se passam na cidade egípcia: *Justine* (1957), *Balthazar* (1958), *Mountolive* (1958) e *Clea* (1960). (N.T.)

4 “Estória” tem entrado em decadência na língua portuguesa; mantenho no entanto a grafia aqui para destacar a intenção de Stone de criar uma cisão entre a história oficial (como podemos ver no título da seção seguinte) e os relatos feitos em biografias e autobiografias como a de Jan Morris. (N.T.)



Palo Alto. O Programa de Disforia de Gênero de Stanford ocupa um pequeno cômodo perto do campus em uma seção residencial tranquila dessa comunidade abastada. O Programa, que é o equivalente estadunidense da clínica de Georges Burou, em Marrocos, tem sido por muitos anos o centro acadêmico de estudos ocidentais da síndrome de disforia de gênero, também conhecida como transexualismo. Aqui são determinados etiologia, critérios diagnósticos e tratamento.

O Programa foi criado em 1968, e seu corpo de profissionais da cirurgia e da psicologia primeiro se empenhou em coletar toda a história disponível sobre transexualismo. Deixe-me fazer uma pausa para fornecer uma breve síntese de seus resultados. Uma transexual é uma pessoa que se identifica com a identidade de gênero do gênero “oposto”. Sexo e gênero são duas coisas separadas, mas transexuais comumente borram as distinções ao confundirem o caráter performativo do gênero com o “fato” físico do sexo, referindo-se a percepções de suas situações como estando no “corpo errado”. Embora o termo “transexual” seja de origem recente, o fenômeno não o é. A menção mais antiga de algo que se pode reconhecer *ex post facto* como transexualismo, à luz dos atuais critérios diagnósticos, é a referente ao rei assírio Sardanapalus; há registros de que se vestia com roupas de mulher e dançava com suas esposas (WALTERS; ROSS, 1986). Ocorrências posteriores de algo como transexualismo são registradas por Philo de Judeia durante o Império Romano. No século XVIII o Chevalier d’Eon, que viveu por 39 anos exercendo o papel feminino, era rival de Madame Pompadour pela atenção de Louis XV. O primeiro governador colonial de Nova York, Lord Cornbury, veio da Inglaterra inteiramente vestido de mulher e permaneceu assim durante seu tempo exercendo a função⁵.

Transexualismo não recebeu o estatuto de “transtorno oficial” até 1980, quando primeiro foi inserido no Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria. Como Marie Mehl pontua, isso é uma espécie de vitória pírrica⁶.

Antes de 1980, muito trabalho havia sido feito em tentativas de definir critérios diagnósticos. Um exemplo dos anos 1970 é este, de um trabalho levado a cabo por Leslie Lothstein e relatado em “Transsexualism and Sex Reassignment” (“Transexualismo e Redesignação de Sexo”, de Walters e Ross) (1986, p.58):

Lothstein, em seu estudo de 10 transexuais maduros [média de idade de 52 anos], descobriu que testes psicológicos ajudavam a determinar a extensão da patologia dos pacientes [sic]... [ele] concluiu que [transexuais como classe] eram indivíduos deprimidos, isolados, retraídos, esquizóides, com conflitos de dependência profundos. Além disso, eram imaturos, narcisistas, egocêntricos e potencialmente explosivos, enquanto suas tentativas

5 Essa pílula de história é relatada na introdução a *Transvestites and Transsexuals: Toward a Theory of Cross-Gender Behavior* de Richard Docter (1988). Também é tratada por Judith Shapiro (1991), bem como por Janice Irvine (1990).

6 “Vitória pírrica” é uma expressão inspirada em Pirro, rei de Épiro, que teria derrotado os romanos na Batalha de Heracléa e de Ásculo (entre 275 – 280 a.C), sob o custo de pesadas perdas em seu próprio exército. Tal expressão depois passou a ser utilizada para se referir a vitórias que são obtidas mediante elevado custo, sacrifícios não sustentáveis, cujos ganhos mal compensam os danos ocorridos durante o processo (N.R.).



de obter [assistência profissional] eram exigentes, manipuladoras, controladoras, coercitivas e paranoicas.

Aqui outro trecho:

Em um estudo de 56 transexuais, resultados quanto a escalas de esquizofrenia e depressão mostraram níveis além do limite de extensão normal. Os autores veem esses perfis como reflexões de estilos de vida confusos e bizarros desses sujeitos (“Transsexualism and Sex Reassignment” - WALTERS; ROSS, 1986, p. 58).

Esses eram os estudos clínicos, que representavam uma classe bem limitada de sujeitos. Contudo, tais estudos foram considerados suficientemente representativos para serem reimpressos sem grandes questionamentos em coletâneas como as de Walters e Ross. Mais adiante em cada artigo, no entanto, vemos que cada pesquisador invalida seu resultado em uma breve ressalva que nos lembra as letras pequenas em um anúncio de cigarros: primeiro, ao acrescentar que “é preciso admitir que os sujeitos estudados por Lothstein dificilmente poderiam ser considerados uma amostra típica, já que 9 em 10 deles tinham problemas de saúde física sérios” (esse era um estudo conduzido em uma clínica médica geral, não em uma clínica de gênero), e segundo com a consideração *a posteriori* de que “82% [dos sujeitos] eram prostitutas e atípicas em relação a transexuais em outras partes do mundo” (“Transsexualism and Sex Reassignment” - WALTERS; ROSS, 1986, p. 58). Tais resultados poderiam ter sido considerados marginais, marcados como eram por métodos questionáveis e amostras excessivamente limitadas. Ainda assim, vieram a representar transexuais na literatura médico-legal/psicológica, mesmo com todas as ressalvas, quase até os dias atuais.

Nesse mesmo período, teóricas feministas estavam desenvolvendo suas próprias análises. O tema logo se tornou volátil e polêmico, e continua sendo. Deixe-me citar um exemplo:

Estupro... é uma violação masculinista da integridade corporal. Todos os transexuais estupram corpos de mulheres ao reduzir a forma feminina a um artefato, apropriando-se desse corpo para si mesmos... estupro, embora usualmente exercido à força, pode ser executado pela farsa.

Essa citação é de *O império transexual: a invenção dela que é ele* – no original, *The*



*Transsexual Empire: The Making of the She-Male*⁷ –, livro de Janice Raymond lançado em 1979, que ocasionou o título deste *paper*. Li Raymond alegando que transexuais são construídos de um império do mal, falocrático, criados para invadir espaços de mulheres e se apropriar de seu poder. Embora *Império* represente um momento específico na análise feminista e prefigure a apropriação da linguagem política liberal pela direita neoliberal, agora em 1991, no aniversário de 12 anos de sua publicação, é ainda a declaração definitiva sobre transexualismo por uma acadêmica geneticamente feminina⁸. Para clarificar meu interesse nesse discurso, deixe-me citar outra passagem de “The Transsexual Empire” (*Império*):

Comportamento masculino é notavelmente intrusivo. É significativo que feministas lésbicas transexualmente construídos⁹ tenham se inserido em posições de importância e/ou performance na comunidade feminista. Sandy Stone, a engenheira transexual em Olivia Records, uma gravadora ‘só de mulheres’, ilustra isso muito bem. Stone não é apenas crucial às atividades de Olivia, mas também exerce um papel dominante lá. A... visibilidade que atingiu no rescaldo da controvérsia de Olivia... apenas serve para reforçar seu papel previamente dominante e para dividir mulheres, como homens frequentemente o fazem, quando tornam sua presença necessária e vital a mulheres. Como uma mulher escreveu: ‘eu me sinto estuprada quando Olivia deixa Sandy passar’¹⁰... como uma mulher de verdade. Depois de todo esse privilégio masculino, ele vai mesmo ganhar dinheiro com a cultura feminista lésbica também?’ (RAYMOND, 1979, p. 101-102).

Esse *paper*, “O Império contra-ataca”, é sobre contos de moralidade e mitos de origem, sobre dizer a “verdade” do gênero. Seu princípio informador é que “artes técnicas são sempre imaginadas como subordinadas à ideia artística dominante, ela em si fundada autoritariamente na própria vida da natureza”¹¹. É sobre a imagem e o real mutuamente definindo um ao outro através

7 “She-Male” é uma expressão historicamente utilizada para se referir a mulheres transexuais e travestis de modo a recusar sua identidade de gênero. Traduzido livremente como “ela do sexo masculino”, o termo tem sido usado desde a virada do século XIX como designação de pessoas que transitam gêneros; contudo, o sentido de que há um sexo masculino imutável que acompanha o uso de pronome feminino transmite uma percepção de verdade natural, original e pré-discursiva sobre o corpo que seria inquestionável e contrária ao gênero reivindicado a partir de aspectos socioculturais como expressão de gênero e pronome. É considerando essa significação que Raymond utiliza *she-male* no subtítulo do livro.

Ele também vem sendo sistematicamente usado pela indústria pornográfica por décadas para se referir a uma categoria de conteúdo audiovisual sexual protagonizado por mulheres transexuais e travestis que não realizaram procedimentos de alteração genital. O enfoque na aparente contradição entre sexo e gênero como o principal qualificador de sujeitos e de um campo de interesse sexual nesse segmento do mercado erótico tem sido considerado por muitos ativistas do movimento trans como redutor – reduz mulheres trans a tal suposta dissonância, e associa necessariamente formas de existência (a saber, transfeminilidades), ao trabalho sexual. (N.T.)

8 Há alguma esperança de que o trabalho de Judith Shapiro (1991) irá suplantar o de Raymond como declaração definitiva sobre o assunto. Os relatos de Shapiro parecem excelentemente equilibrados, e ela tem consciência de que há mais relatos de intelectuais transexuais que ainda não se inseriram no campo discursivo.

9 Estas palavras foram traduzidas no masculino como forma de destacar que, para Raymond, mulheres transexuais são homens. Embora na língua inglesa tais termos não recebam flexão de gênero, o ponto central da autora de *O império Transsexual* é evidente em seu rechaço à autodeterminação de pessoas transfemininas. (N.T.)

10 “Deixar passar” aqui se refere especificamente a permitir a passabilidade. O termo será recuperado ligeiramente mais adiante no texto, e foi objeto de longa produção teórica e debates políticos. “Passar por”, no campo trans, refere-se a ser apreendido (de modo intencional ou não) como pessoa cis. Envolve um jogo complexo de expectativas cisnormativas do imaginário hegemônico, que toma a cisgeneridade como um dado universal, e estratégias de sobrevivência da comunidade trans. Ocorre que defensoras de feminismo trans-excludente usualmente se valem do termo para designar pessoas que fingem ser o que não são; aqui, a pessoa citada por Raymond o utiliza para “denunciar” o fato de a gravadora institucionalmente sustentar o reconhecimento de Stone como mulher – algo que, segundo Raymond, é uma farsa. (N.T.)

11 Essa frase maravilhosa é de Donna Haraway em “Teddy Bear Patriarchy” (1984).



de inscrições e práticas de leitura do capitalismo tardio. É sobre pós-modernismo, pós-feminismo, e (ousar dizer) pós-transsexualismo. Ao longo dele inteiro, esse *paper* tem dívida considerável com Donna Haraway.

3 “Toda a realidade na cultura capitalista tardia deseja se tornar uma imagem para sua própria segurança”¹²

Voltemo-nos aos relatos das próprias pessoas transexuais. Durante esse período praticamente todos os relatos publicados foram escritos por mulheres trans¹³. Quero considerar brevemente 4 relatos autobiográficos de mulheres transexuais, para que vejamos o que podemos aprender sobre o que elas pensam que estão fazendo (considerarei homens trans em outro *paper*).

O relato parcialmente autobiográfico mais antigo que existe é o de Lili Elbe no livro *Man into Woman* (De homem a mulher), editado por Niels Hoyer (1933)¹⁴. O primeiro livro inteiramente autobiográfico foi o impresso em papel jornal¹⁵ *I Changed My Sex!* (Eu mudei meu sexo!) - não exatamente um título calmo e contemplativo -, escrito pela artista de *striptease* Hedy Jo Star em meados dos anos 1950¹⁶. Christine Jorgensen, que passou por cirurgia no início dos anos 1950 e é sem dúvida a mais conhecida das transexuais recentes, não publicou sua autobiografia até 1967; na verdade foi o livro de Star que nadou na onda da notoriedade em volta da cirurgia de Jorgensen. Em 1974 *Conundrum* foi publicado, escrito pela renomada jornalista britânica Jan Morris. Em 1977 foi a vez de *Canary*, escrito pela musicista e cantora Canary Conn¹⁷. Adicionalmente, muitas transexuais mantêm algo que ficou conhecido pela pecha de “ATO”: Arquivo Transexual Obrigatório. Ele usualmente contém artigos de jornal e trechos de diários proibidos sobre comportamento de gênero “inapropriado”. Transexuais também colecionam literatura autobiográfica. De acordo com

12 Haraway, op.cit. O caráter anedótico dessa seção é apoiado por notas de campo que ainda não foram organizadas e codificadas. Uma versão rigorosamente definitiva e talvez etnográfica desse *paper* aguarda maior tempo de pesquisa e financiamento.

13 A autora usa ao longo de todo o texto duas categorias à época corriqueiras da militância e da comunidade trans estadunidenses: male-to-female transexuais (ou MtFs) e female-to-male transsexuais (ou FtMs). Ainda que de um modo geral eu tenha preferido manter os termos apropriados ao contexto, mesmo eles sendo posteriormente contestados (como “mulher genética” e “transexualismo”), no que tange a MtFs e FtMs achei por bem usar os termos brasileiros “mulher trans/transsexual” e “homem trans” em um esforço de manter a fluidez da leitura. Ler “transexuais masculino-para-feminino” e “transexuais feminino-para-masculino” continuamente causa considerável incômodo. (N.T.)

14 O sexólogo britânico Norman Haine escreveu a introdução, tornando assim o livro de Hoyer uma contribuição semi-médica.

15 A impressão em papel jornal, ao longo do fim do século XIX até meados dos anos 1960, era o método de preferência para publicar o que se considerava “baixa literatura” – livros que tratavam temas de modo polêmicos de modo sensacionalista. Um exemplo são romances com enfoque em relacionamentos *gays* e lésbicos que envolviam drama, criminalidade e decadência, e biografias de pessoas trans que exploravam detalhes sobre intervenções médicas de modificação corporal e revelações bombásticas de identidade. No fim do século XX, a publicação em papel jornal se tornou mais disseminada e aceita no que tange a obras que pertenciam ao cânone literário. Para saber mais sobre essa estratégia editorial e literatura representando dissidências sexuais e de gênero, ver: Stryker (2001). (N.T.)

16 O livro de Star está disponível na Amazon, mas sem registro de editora e em quantidade limitada.

17 Houve pelo menos mais um outro livro publicado nesse período: *Second Serve* de Renée Richards, do qual não trato aqui.



o programa de disforia de gênero de Stanford, clínicas médicas não o fazem, porque consideram relatos autobiográficos inteiramente não confiáveis. Por conta disso, e já que uma porcentagem considerável da literatura é invisível para muitos sistemas de bibliotecas, essas coleções pessoais são a única fonte de informação disponível a boa parte de mulheres trans. Eu tenho sorte de ter algumas dessas obras.

Que tipo de sujeito é constituído nesses textos? Hoyer (representando Jacobson ao representar Elbe, que por sua vez representa Wegener que está representando Sparre¹⁸) escreve:

Um único olhar daquele homem a destituiu de toda a força. Ela sentiu como se sua personalidade inteira tivesse sido esmagada por ele. Com um único olhar ele a extinguiu. Algo nela se revoltou. Ela se sentiu como uma colegial que recebeu um pouco de atenção do professor que idealiza. Ela estava consciente de uma fraqueza peculiar em todos os seus membros... era a primeira vez que seu coração de mulher tremia diante de seu mestre e senhor, diante do homem que havia se constituído seu protetor, e ela entendeu por que se submeteu tão absolutamente a ele e a sua vontade (ELBE, 1933, p. 163).

Podemos fazer a esse fragmento todas as perguntas usuais: não por quem, mas *para* quem Lili Elbe foi construída? Sob o olhar de quem seu texto foi apresentado? E conseqüentemente, quais histórias aparecem e desaparecem nesse tipo de sedução? Pode não ser surpresa que todos os relatos de que irei tratar aqui são similares em sua descrição de “mulher” como um fetiche masculino, replicando um papel socialmente imposto, ou como constituída por gênero performativo. Lili Elbe desfalece ao ver sangue (1933). Jan Morris, jornalista de alto nível que esteve diversas vezes pelo mundo inteiro, ainda assim descreve seu senso de si relacionando-o a vestidos e maquiagem, a estar exposta ao olhar do outro, e se encanta quando homens abrem portas para ela:

Me sinto pequena e elegante. Não sou pequena, na verdade, e também não sou terrivelmente elegante, mas a feminilidade conspira para me fazer sentir assim. Minha blusa e saia são claras, leves, diáfanas. Meus sapatos fazem meus pés parecerem mais delicados do que são, além de me dar... uma insinuação de vulnerabilidade que gosto bastante. Minhas pulseiras vermelhas e brancas me são uma sensação de atrevimento, e minha bolsa combina com meu sapato e me faz sentir bem-organizada... quando passo pela rua, me sinto conscientemente pronta para a apreciação do mundo, de um modo que nunca senti como homem (MORRIS, 1974, p. 174).

Hedy Jo Star, que era uma *stripper* profissional, diz em *I Changed My Sex! (Eu mudei meu sexo!)*: “eu queria a sensação sensual da lingerie em minha pele, queria iluminar meu rosto com cosméticos. Queria que um homem forte me protegesse” (STAR, 1955, n.p.). Agora em 1991 também encontrei alguns homens corajosos o suficiente para ecoar esse sentimento para si, mas em 1955 isso era uma posição feminina exclusiva.

Para além da cumplicidade óbvia desses relatos com uma definição masculina, branca

18 Niels Hoyer era o pseudônimo de Ernst Ludwig Harthern Jacobson; Lili Elbe foi o nome feminino escolhido pelo artista Einar Wegener, cujo nome de batismo era Andreas Sparre. A profusão léxica tem implicações ricas para estudos de fronteiras do *self*; ver: Stone (1992).



e ocidental de gênero performativo, as autoras também reforçam um modo binário e opositivo de identificação de gênero. Elas passam do estatuto de homens inequívocos, ainda que infelizes, para o de mulheres inequívocas. Não há terreno intermediário¹⁹. Além disso, todas constroem um momento narrativo específico no qual sua identificação sexual pessoal muda de masculino para feminino. Esse momento é o da neocolporrafia – isto é, da redesignação de gênero, ou da “cirurgia de mudança de sexo”²⁰. Jan Morris (*Conundrum* - 1974, p. 115), na noite anterior à cirurgia, escreveu: “Eu fui dizer adeus a mim mesma no espelho. Nós nunca nos encontraríamos de novo, e eu queria dar a esse outro eu uma última piscadela para dar sorte...”²¹.

Canary Conn (*Canary* – 1977, p. 271) escreve “eu não sou um muchacho... sou uma muchacha agora... uma garota [sic]”²².

Hedy Jo Star escreve: “No instante em que acordei da anestesia, percebi que tinha finalmente me tornado uma mulher” (*I Changed My Sex!* - STAR, 1955, n.p.).

Até Lili Elbe, cujo texto é de segunda mão, usa os mesmos termos: “Subitamente ocorreu a ele que ele, Andreas Sparre, estava provavelmente se despindo pela última vez”. Imediatamente ao acordar do primeiro estágio da cirurgia [castração, no relato de Hoyer], Sparre escreve uma nota: “Ele olhou para o cartão e fracassou em reconhecer a escrita. Era a letra de uma mulher”. Inger leva a nota ao médico: “não, você está bem...” – uma conversa que requer que o leitor esqueça que ortografia é uma habilidade adquirida. O mesmo ocorre com a voz de Elbe: “o estranho é que sua voz mudou completamente... você tem agora uma esplêndida voz soprano! Simplesmente impressionante”²³. Talvez tão impressionante agora quanto antes mas por diferentes motivos, já que à luz do conhecimento atual dos efeitos [e mais precisamente, dos não efeitos] de castração e hormônios nada disso poderia ter acontecido. Nenhum dos dois tem qualquer impacto no timbre da

19 Em *Conundrum*, Morris descreve um período em sua jornada de masculino a feminino (de alguns anos antes da cirurgia até imediatamente depois) em que seu gênero era percebido, por ela e por outros, como ambíguo. Ela é inequívoca, contudo, sobre o momento de transição do *sexo masculino* ao *sexo feminino*.

20 “Redesignação de gênero” é o termo disciplinar correto. No discurso médico corrente, sexo é tomado como um fato natural físico que não pode ser modificado.

21 Fui lembrada desse relato na véspera da minha própria cirurgia. Caramba, pensei naquele momento, seria interessante magicamente me tornar outra pessoa desse jeito binário e definitivo. Então eu tentei a mesma coisa – fui ao espelho e disse adeus para a pessoa que vi ali; infelizmente não funcionou. Alguns dias depois, quando pude chegar perto do espelho, a pessoa que olhava de volta no reflexo continuava sendo eu. Ainda não entendi o que fiz de errado.

22 Conn realizou sua cirurgia na clínica de Jesus Maria Barbosa em Tijuana. Nesse trecho ela está falando com uma enfermeira mexicana; por isso os termos em espanhol.

23 Admito ter ficado tão impressionada quanto o bom doutor, já que exceto o relato de Hoyer não há outros registros de mudança em nível ou timbre vocal após administração de hormônios ou cirurgia de redesignação de gênero. Se mulheres transexuais conseguem alterar suas características vocais, elas o fazem gradualmente e com imensa dificuldade. Mas há muitos problemas com a História Verdadeira de Lili Elbe, como a cena em que Elbe finalmente “se torna uma mulher” através do implante que seu médico realiza de *um conjunto de ovários humanos* em sua cavidade abdominal. A atenção dada pela mídia na última década a transplantes de coração e doenças do sistema imunológico fizeram com que o público leigo se tornasse mais consciente dos mecanismos de reação imunológica humana, mas mesmo em 1936 o relato de Hoyer teria sido percebido pela comunidade médica como questionável. Rejeição de tecido e o sonho em mitigá-la eram temas de especulação na ficção e na ficção científica já pelos anos de 1920; por exemplo, a droga milagrosa “collodiansy” em “One leg too many” de W. Alexander [1929, provavelmente em *Amazing Stories*, embora haja certo debate quanto à editora original.]



voz. Logo, incidentalmente, os olhares julgadores que médicos dirigem a esses relatos históricos.

Se Hoyer mistura realidade com fantasia e caricaturiza suas personagens [“Simplesmente impressionante!”], que lições há em *De homem a mulher*? Parcialmente o que se revela no livro é como Hoyer mobiliza a estratégia de construir barreiras no interior de uma mesma personagem, estratégias essas que são empregadas proveitosamente até hoje. Lili desloca seu eu masculino que irrompe, ainda perigosamente presente dentro dela, para a figura endeusada de seu cirurgião/terapeuta Werner Kreutz, a quem ela chama de “O Professor, o Homem Fazedor de Milagres”. O professor que molda Lili é assim moldado por ela:

O que o Professor está fazendo agora com Lili não é nada menos que uma moldagem emocional, que precede a moldagem física em mulher. Lili tem sido como argila que outros preparam e a qual o professor dá forma e vida... Através de um único olhar o Professor despertou seu coração à vida, vida com todos os instintos de mulher (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 165).

O feminino é imanente, o feminino tem raízes profundas, o feminino é instinto. Com a cumplicidade ávida de Lili, o Professor cria uma clivagem massiva entre masculino e feminino dentro dela. Nessa passagem, que tem resquícios da qualidade “oriental” da narrativa de Morris, o masculino precisa ser aniquilado ou pelo menos negado, mas o feminino é o que existe para ser *continuamente* aniquilado:

Ela sentia como se não tivesse nenhuma responsabilidade por si mesma, pelo seu destino. Porque Werner Kreutz a havia libertado de tudo isso. Ela não tinha mais vontade própria também... não haveria passado para ela. Tudo no passado pertencia à pessoa que... estava morta. Agora havia apenas uma mulher perfeitamente humilde, pronta para obedecer, feliz de se submeter à vontade de outro... seu mestre, seu criador, seu Professor. Entre [Andreas] e ela havia Werner Kreutz. Ela se sentiu segura e salva (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 170).

Hoyer tem os mesmos problemas com pureza e negação da mistura que são recorrentes em narrativas autobiográficas transexuais. As personagens em sua narrativa existem em um período histórico de enorme repressão sexual. Como alguém consegue manter a divisão entre o eu “masculino”, cujo objeto de desejo apropriado é a Mulher, e o eu “feminino”, cujo objeto de desejo apropriado é o Homem?

Como homem você sempre pareceu inquestionavelmente saudável. Eu realmente vi com meus próprios olhos que você atrai mulheres, e isso é prova evidente de que você é um rapaz genuíno.’ Ele fez uma pausa, e então pôs a mão no ombro de Andreas. ‘Você não vai se incomodar se eu fizer uma pergunta honesta, não é? ... Você já se interessou por alguém como você? Você sabe o que quero dizer.’ Andreas negou com a cabeça, calmamente. ‘Dou minha palavra, Niels; nunca na vida inteira. E posso acrescentar que esse tipo de criatura nunca teve interesse em mim.’ ‘Ótimo, Andreas! Justo como eu pensava (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 53).

Hoyer precisa separar a subjetividade de *Andreas*, que nunca sentiu nada por homens,



de *Lili*, que, no curso da narrativa, deseja se casar com um. Esse procedimento salvador torna o mundo um lugar seguro para *Lili* ao erigir e manter uma barreira impenetrável entre ela e *Andreas*, reforçada de novo e de novo através de elementos como diferentes caligrafias e diferentes vozes. A força de um imperativo – um estado natural em direção ao qual todas as coisas caminham – de refutar as potencialidades da mistura, atos para preservar a identidade de gênero “pura”: na aurora do caso de amor com a pureza conduzido pelos nazistas, nenhuma “criatura” vai tentar *Andreas* a transgredir fronteiras com “alguém como ele”: “Eu vou confessar a você honesta e simplesmente, Niels, que sempre me senti atraído por mulheres. E hoje tanto quanto sempre. Uma confissão tão banal!” (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 53).

Banal apenas se a pessoa dentro do corpo de *Andreas* que faz a declaração é *Andreas*, e não *Lili*. Há muito trabalho sendo feito nessa passagem, um microcosmo do trabalho que leva manter as mesmas *personae* polarizadas na sociedade como um todo. Além disso, cada uma dessas escritoras constrói seu relato como narrativa de redenção. Há um forte fator dramático, no sentido de uma batalha contra adversidades gigantescas, de superar obstáculos perigosos, e de crescentes mistério e reverência com a chegada de tirar o fôlego e apoteose final da Transformação Proibida: “A primeira operação... foi bem-sucedida para além de qualquer expectativa. *Andreas* deixou de existir, eles disseram. Suas glândulas germinais – oh, palavras místicas – foram removidas” (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 134).

Oh, palavras místicas. O *mysterium tremendum* da identidade profunda paira sobre o *locus* físico; o complexo inteiro de engendramento masculino, poder misterioso do Homem-Deus, habita as “glândulas germinais” do mesmo modo que se pensava que a alma habitava as glândulas pineais. O sexo masculino está no você sabe o quê. Assim como a ontologia do sujeito, nesse sentido. *Lili Elbe* (*Man Into Woman* - 1933, p. 139) pode demonstrar do jeito mais grosseiro que sexo feminino significa falta: “A operação realizada aqui [isto é, a castração] me permite entrar na clínica para mulheres [exclusivamente para mulheres]”²⁴.

Por outro lado, tanto *Niels* quanto *Lili* podem ser constituídos por um ato de insinuação, o que o Novo Testamento chama de *endeuein*, ou o vestir do deus, inserindo o corpo físico dentro de uma carapaça de significação cultural:

Andreas Sparre... estava provavelmente se desnudando pela última vez... durante uma vida inteira esses revestimentos que são colete, casaco e calças haviam-no aprisionado (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 125).

Agora é *Lili* que escreve a vocês. Estou sentada em minha cama em uma camisola de seda

24 A mudança de sexo de *Lili Elbe* ocorreu em 1930. Nos Estados Unidos hoje, a perspectiva jurídica de uma mudança de sexo bem sucedida de homem para mulher ainda se baseia na ausência – e.g., um homem é uma mulher quando “órgãos geradores masculinos forem total e irrevogavelmente destruídos.” (cf. uma carta clínica autorizando a mudança de nome no passaporte, 1980).



com enfeites de renda, com cabelos enrolados em *bobs*, pó de arroz no rosto, braceletes, colar, brincos... (*Man Into Woman* - ELBE, 1933, p. 139)²⁵.

Todas essas autoras reiteram o relato de um homem estereotipado se constituindo em mulher: vestido, maquiagem e o desmaio delicado ao ver sangue. Cada uma dessas aventureiras passa diretamente de um polo de experiência sexual a outro. Se há algum espaço intermediário no *continuum* da sexualidade, ele é invisível. E ninguém nunca menciona torcer o pescoço do peru.

Não surpreende que teóricas feministas tenham tido desconfianças. Oras, *eu* estou desconfiada.

Como esses relatos dialogam com textos médicos/psicológicos? Em um tempo em que mais interações ocorrem através de texto, conferências por computador e mídia eletrônica do que por contato pessoal – encerramento da era mecânica e começo da virtual, em que multiplicidade e comunicação social próstética são comuns – e conseqüentemente quando subjetividade individual pode ser constituída através de inscrição com mais frequência do que por associação pessoal, há ainda momentos de “verdade natural” corporificada que não podem ser evitados. No quadro temporal da maioria desses livros, o mais crítico desses momentos era a entrevista na clínica de disforia de gênero quando médicos, todos homens, decidiam se a pessoa era elegível para cirurgia de redesignação de gênero. A origem das clínicas de disforia de gênero fornece um olhar microcósmico sobre a construção de critérios para gênero. A ideia fundacional para as clínicas de disforia de gênero era primeiro estudar uma aberração humana interessante e potencialmente financiável; segundo, fornecer “ajuda”, tal como eles entendiam o termo, para um “problema corrigível”.

Algumas das primeiras clínicas não acadêmicas de disforia de gênero realizaram cirurgias sob demanda, o que significa dizer que elas ocorriam independentemente de qualquer julgamento da equipe da clínica sobre a adequabilidade da pessoa ao gênero de escolha. Quando as primeiras clínicas acadêmicas surgiram em caráter experimental nos anos 1960, a equipe médica passou a não mais realizar cirurgias sob demanda, devido aos riscos profissionais envolvidos em realizar procedimentos experimentais em “sociopatas”. Naquele tempo não havia critérios diagnósticos oficiais; “transexuais” eram, *ipso facto*, aquelas que se inscreviam para obter assistência. Profissionalmente, essa era uma situação arriscada. Fazia-se necessário construir a categoria

25 Chamo atenção às duas passagens anteriores pensando no verbo grego que se refere ao momento do batismo, quando quem está sendo batizado se insere em e é penetrado pela Palavra; *endeuein* pode ser traduzida como “entrar em”, mas também “colocar, insinuar-se em, como uma luva”; viz. “Ele [sic] que é batizado em Cristo é revestido de Cristo.” Nessa perspectiva homoerótica intensa em que ambos os gêneros estão presentes mas colapsados no corpo sacro/sacrificado, ver exemplos como a descrição de Frei Bernardino de Sahagun de rituais em que o padre que o oficia veste a pele esfolada de uma jovem mulher (FRAZER, 1911, p. 589-591).



“transexual” conforme padrões costumeiros e tradicionais, construir critérios plausíveis para aceitação na clínica. Profissionalmente falando, se fazia necessário um teste ou diagnóstico diferencial para transexualismo que não dependesse de algo tão simples e subjetivo como sentir estar no corpo errado. Fazia-se necessário que o teste fosse objetivo, clinicamente apropriado e repetível. Mas mesmo depois de pesquisas consideráveis, nenhum teste simples e inequívoco para síndrome de disforia de gênero pôde ser desenvolvido²⁶.

A clínica de Stanford se dedicava ao ramo de ajudar pessoas, dentre outros propósitos, conforme seus membros entendiam o termo. Logo, as decisões finais quanto à elegibilidade para redesignação de gênero eram feitas pela equipe com base em um senso individual de “adequabilidade do indivíduo a seu gênero de escolha”. A clínica também assumiu o papel adicional de “clínica de preparo” ou “clínica de charme”, porque, de acordo com a apreciação da equipe, homens que se apresentavam como querendo ser mulheres nem sempre “se comportavam como” mulheres. Stanford reconhecia que papéis de gênero poderiam ser aprendidos (até certo ponto). Seu envolvimento com clínicas de preparo fez parte de um esforço de produzir não apenas pessoas femininas anatomicamente legíveis, mas mulheres... i.e., sexo feminino generificado. Como pontua Norman Fisk, “agora admito sinceramente que... nas fases iniciais nós declaradamente buscávamos candidatas que teriam melhores chances de sucesso” (*Proceedings of the Second Interdisciplinary Symposium on Gender Dysphoria Syndrome* -LAUB; GANDY, 1973, p. 7.)²⁷. Na prática isso significava que as candidatas a cirurgia eram avaliadas com base na sua *performance* do gênero de escolha. Os critérios constituíam uma definição inteiramente cultural, consensual de gênero, e no sítio de sua implementação podemos localizar uma instância real do aparato de produção de gênero.

Isso gera uma série de questões inarredáveis, a primeira sendo: quem está contando a história e para quem, e como as contadoras diferenciam entre a história que contam e a história que ouvem?

Uma resposta é que elas diferenciam essas coisas com muita dificuldade. Os critérios que pesquisadores desenvolveram e depois aplicaram foram definidos recursivamente através de uma série de interações com as candidatas. O cenário funcionava desse modo: inicialmente, o único

26 A evolução e gestão desse problema merecem um *paper* específico. Isso é brevemente discutido em Laub e Gandy (1973), e também em Irvine (1990).

27 As observações de Fisk na íntegra fornecem uma descrição excelente dos objetivos e procedimentos do grupo de Stanford durante os primeiros anos, bem como estão implícitas em seu relato as tensões entre projetos conflitantes e as várias tentativas de resolução. Para relatos adicionais, ver Irvine (1990) e Shapiro (1991).



manual sobre transexualismo era o trabalho de Harry Benjamin (1967) *O fenômeno transexual*²⁸ [notem que o livro de Benjamin na verdade foi lançado 10 anos depois de *Eu mudei meu sexo!*]. Quando as primeiras clínicas foram instituídas, a obra de Benjamin era a referência padrão dos pesquisadores. E quando as primeiras transexuais foram avaliadas em sua aptidão para cirurgia, seu comportamento correspondia satisfatoriamente aos critérios de Benjamin. Pesquisadores produziram artigos científicos em que relatavam isso, que por sua vez foram usados como base para conseguir financiamento às clínicas.

Levou um tempo surpreendentemente longo – muitos anos – para que pesquisadores percebessem que o motivo de perfis comportamentais de candidatas corresponderem aos de Benjamin tão bem era terem as candidatas lido o livro de Benjamin também, livro este que estava passando de mão em mão na comunidade transexual. Elas estavam mais do que satisfeitas em fornecer o comportamento que levaria a sua admissão para cirurgia (LAUB; GANDY, 1973).

Esse tipo de reposicionamento cuidadoso criou problemas interessantes. Dentre eles, a determinação de uma gama de expressões permissíveis de sexualidade física. Essa era uma grande zona cinzenta na autoapresentação de candidatas, porque os sujeitos avaliados por Benjamin não falaram sobre sensação erótica alguma de seus corpos. Consequentemente, nenhuma das que procuraram as clínicas o fez. Por autoridade textual, homens físicos que viviam como mulheres e que se identificavam como transexuais, em oposição a *transvestites* de sexo masculino para os quais sensação erótica peniana era admissível, não podiam experimentar prazer peniano. Nos anos 1980 não havia dados disponíveis sobre sequer uma mulher transexual não operada que experimentasse prazer sexual genital enquanto vivia no “gênero de escolha”²⁹. A proibição continuava pós-cirurgia de modo interessantemente transmutado, e permanecia tão absoluta que nenhuma transexual operada podia admitir experimentar prazer sexual através de masturbação. Pertencimento integral ao gênero designado era conferido pelo orgasmo, real ou fingido, que se

28 O *paper* que serviu de fundamento a esse livro foi publicado com o título “Transsexualism and Transvestism as Psycho-somatic and Somato-Psychic Syndromes” no *American Journal of Psychotherapy*, v. 8, p. 219-230, 1954. Um *paper* muito anterior escrito por David O. Cauldwell, “Psychopathia Transexualis” (1949), não parece ter tido o mesmo impacto no campo, embora John Money preste homenagem a ele ao manter a grafia usada por Cauldwell. Em documentos mais antigos às vezes é possível notar a influência de Cauldwell ou de Benjamin conforme a palavra é soletrada.

29 O problema aqui se refere à ontologia do termo “genital”, em particular no que tange a sua definição para atividades como masturbação pré ou pós-cirurgia. Generificação ontologiza a economia erótica da superfície corporal; como Judith Butler aponta, a generificação policia quais partes do corpo tem seus componentes eróticos desativados ou ativados. Conflitos surgem quando as mesmas partes se tornam multivalentes – por exemplo, quando partes da uretra (fisicamente masculina) são usadas para construir partes de um neoclitoris (generificado como feminino em uma pessoa fisicamente masculina). Sugiro que usemos essa ideia vertiginosa como exemplo dos modos com que podemos reimaginar multivalência como intervenção na constituição de posições de sujeito generificadas binariamente; em uma economia erótica binária, “quem” experiencia sensação erótica associada com essas áreas? (Em “Body Guards”, a antologia em que *O império contra-ataca* foi originalmente publicado, Judith Shapiro levantou ponto similar em seu próprio ensaio “Transsexualism: Reflections on the Persistence of Gender and the Mutability of Sex”. Escolhi um lugar geograficamente próximo ao que ela descreve, mas espero que mais ambíguo, e portanto mais dissonante nesses discursos em que a dissonância pode ser uma intervenção poderosa e produtiva).



atingia através de penetração heterossexual³⁰. “Torcer o pescoço do peru”, o ritual de masturbação peniana antes da cirurgia, era a mais secreta das tradições. Reconhecer um desejo tão natural como esse significava arriscar “colapso na aterrissagem” – “inaptidão de papel” que levaria a desqualificação³¹.

Recuar era necessário. Os dois grupos – de um lado, os pesquisadores, e de outro as transexuais – estavam buscando objetivos diferentes. Os pesquisadores queriam saber o que era esse negócio que chamavam de síndrome de disforia de gênero. Queriam uma taxonomia dos sintomas, critérios para diagnóstico diferencial, procedimentos de avaliação, planos de tratamento confiáveis, e acompanhamento minucioso. Transexuais queriam a cirurgia. Elas tinham propósitos bem precisos no que toca a sua relação com pesquisadores, e consideravam que os critérios de avaliação dos médicos eram meramente um outro obstáculo em seu caminho – algo a ser vencido. Assim, inequivocamente expressavam o critério original de Benjamin em sua forma mais simples: a sensação de estar no corpo “errado”³².

Isso parece a receita para uma relação antagônica desconfortável, e assim era a relação mesmo. Ela continua a sê-lo, embora com a passagem do tempo tem havido considerável diálogo entre os dois campos. Parcialmente isso tem sido possível pela compreensão na comunidade médica e psicológica de que os critérios esperados para diagnóstico diferencial não foram encontrados. Considerem esse excerto de um artigo de Marie Mehl, escrito em 1986 e citado na obra de Walters e Ross:

Não há teste mental ou psicológico que diferencie de modo bem-sucedido transexuais do que se considera a população normal. Não há maior psicopatologia na população transexual do que na população em geral, embora a reação social ao transexual crie problemas incontornáveis. As histórias psicodinâmicas de transexuais não produzem quaisquer características consistentes de diferenciação em relação ao resto da população (WALTERS; ROSS, 1986).

Esses dois relatos, a declaração de Mehl e a de Lothstein, na qual ele atestou serem transexuais deprimidas, esquizóides, manipuladoras, controladoras e paranoicas, coexistem em um intervalo de menos de 10 anos. Com a conquista de uma categoria diagnóstica em 1980 – que, depois de

30 Esse ato nas fronteiras da posição de sujeito sugere uma categoria ausente no excelente *paper* de Marjorie Garber, “Spare Parts: The Surgical Construction of Gender” (1990); é uma intervenção na dissimetria entre “fazer um homem” e “fazer uma mulher” descritos por Garber. Em certa medida, ele figura um colapso dessas categorias no seio do imaginário transexual, embora pareça razoável concluir que essa versão de história de amadurecimento é ainda massivamente masculina – médicos e pacientes homens contando uns aos outros histórias do que a Natureza quer dizer por Homem e Mulher. Geralmente, homens trans contam as mesmas histórias do outro lado.

31 Os termos “torcer o pescoço do peru” (masturbação masculina) e “colapso na aterrissagem” (rejeição pelo programa da clínica) variam ligeiramente em diferentes regiões mas são comuns o suficiente para serem reconhecidos ao longo delas.

32 Baseado nas observações de Norman Fisk em Laub e Gandy (1973), bem como em minhas próprias notas. Parte da dificuldade, como discuto nesse *paper*, é que pessoas pesquisadoras (para não dizer as próprias pessoas transexuais) têm fracassado em problematizar a frase “corpo errado” como categoria descritiva adequada.



anos de pesquisa, não envolvia muito mais além do senso original de “estar no corpo errado” – e a consequente aceitação pela polícia do corpo, ou seja, a instituição médica, agora existem histórias clinicamente “boas” de transexuais em áreas amplamente diversas tais quais Austrália, Suécia, Checoslováquia, Vietnã, Cingapura, China, Malásia, Índia, Uganda, Sudão, Taiti, Chile, Bornéu, Madagascar e Ilhas Aleutas³³ [essa não é uma lista completa]. É um malabarismo considerável fazer caber todos eles em uma só teoria plausível. Havia técnicas diagnósticas não descobertas ou não experimentadas que poderiam ter diferenciado transexuais da população normal? Seriam os critérios errados, limitados ou imprecisos? Por acaso a percepção de não surgimento de critérios diagnósticos foi apenas o desenrolar natural do *progresso científico*, ou havia outros fatores em ação?

Tal banquete de dados cria seus próprios problemas. Concomitante à conquista dúbia da categoria diagnóstica é o borramento inevitável de fronteiras à medida que o relato vastamente heteroglóstico da diferença, até então invisível a profissões *legítimas*, de súbito alcança status de cânone e simultaneamente se torna homogeneizado para satisfazer as constrictões da categoria. De repente o velho conto de moralidade sobre a verdade do gênero, contado por um gentil patriarca branco em Nova York em 1966, se torna pancultural nos anos 1980. Polivocalidades emergentes de experiência vivida, nunca representadas em discursos mas presentes pelo menos em potencial, desaparecem; a *berdache* e a *stripper*, a dona de casa e a *mujerado*, a *mah’u* e a roqueira – todas afinal se tornam uma única história, se nós nos esforçarmos o suficiente.

4 Mas de quem é essa história, afinal?

Eu gostaria de apontar as similaridades amplas que essa justaposição peculiar sugere a aspectos do discurso colonial com os quais podemos estar familiarizadas: o fascínio inicial com o exótico, estendido a investigadores profissionais; a recusa da subjetividade e falta de acesso a discurso dominante; seguida por uma espécie de reabilitação.

Levantar essas questões tem complicado a vida nas clínicas.

Fazer história, seja autobiográfica, acadêmica ou clinicamente, é em parte uma luta para firmar um relato em um tipo de inevitabilidade natural. Corpos são telas em que vemos projetados assentamentos momentâneos que emergem de conflitos contínuos sobre crenças e práticas na academia e na comunidade médica. Esses conflitos se desenvolvem em arenas muito distantes do corpo. Cada um é uma tentativa de ganhar a vantagem profundamente moral de prover uma

33 Uso a palavra “clínico” aqui e em outros momentos sem deixar de manter em mente a “vitória pírrica” de que Marie Mehl falou. Agora que transexualismo tem a legitimidade desconfortável concedida pela categoria diagnóstica do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), como começamos o processo de *sair* desse livro?



explicação autoritária e final para o modo como as coisas são e conseqüentemente o modo como devem continuar a ser. Em outras palavras, cada um desses relatos é a cultura falando com a voz do indivíduo. As pessoas que não têm voz nessa teorização são as próprias transexuais. Assim como acontece com homens teorizando sobre mulheres desde o início dos tempos, teóricos de gênero têm visto transexuais como possuidoras de algo menor que agência. Assim como mulheres genéticas, transexuais são infantilizadas, consideradas ilógicas ou irresponsáveis demais para alcançar subjetividade verdadeira, ou clinicamente obliteradas por critérios diagnósticos; ou pior, são elaboradas por teóricas feministas radicais como robôs de um patriarcado insidioso e ameaçador. Também nessa construção, transexuais são vistas como resolutamente coniventes ao fracassarem em desenvolver um contra-discurso eficaz.

Aqui nas fronteiras de gênero do fim do século XX, com a debilitação da hegemonia falocrática e o aparecimento pretensioso de relatos de origem heteroglóssicos, vemos as epistemologias da prática médica de homens brancos, a fúria de teorias feministas radicais e o caos da experiência generificada vivida se encontrando no campo de batalha que é o corpo transexual: um sítio altamente contestado de inscrição cultural, uma máquina de significação para a produção do tipo ideal. Representação em sua forma mais mágica, o corpo transexual é memória aperfeiçoada, inscrita com a história “real” de Adão e Eva como relato ontológico de diferença irreduzível, uma biografia essencial que é parte da natureza. Uma história que a própria cultura conta para si mesma, o corpo transexual é política tátil de reprodução constituída através de violência textual. A clínica é uma tecnologia de inscrição.

Dada essa circunstância em que um discurso sobre minoria vem a se instalar no físico, um contradiscurso é crucial. Mas é difícil gerar um contradiscurso se a pessoa é programada para desaparecer. O propósito prioritário da transexual é se apagar, se dissipar na população “normal” assim que possível. Parte desse processo é entendido como construir uma história plausível – aprender a mentir eficazmente sobre o próprio passado. O que se ganha é aceitabilidade na sociedade. O que se perde é a habilidade de autenticamente retratar as complexidades e ambiguidades da experiência vivida, e assim se perde esse aspecto da “natureza” que Donna Haraway teoriza como Coiote – o espírito animal nativo-americano que representa o poder de transformação contínua no cerne da vida engajada. Em vez disso, a experiência autêntica é substituída por um tipo particular de história, uma história que apoia velhas posições construídas.

Isso custa caro e é profundamente desempoderador. Desejando isso ou não, transexuais



não crescem do mesmo modo que GGs³⁴, ou “naturais genétiques”³⁵. Transexuais não possuem a mesma história que “naturais genétiques”, e não compartilham a mesma opressão comum antes da redesignação de gênero. Não estou sugerindo um discurso compartilhado. Estou sugerindo que na história apagada da transexual podemos encontrar uma estória que perturba discursos de gênero aceitos, e que se origina no seio da minoria de gênero em si e pode engendrar uma causa comum com outros discursos opositivos. Mas a transexual ocupa atualmente uma posição que é lugar nenhum, que está fora das oposições binárias de discurso generificado. Para uma transexual, como transexual, gerar um contradiscurso verdadeiro, eficaz e representacional significa falar do lado de fora das fronteiras de gênero, além dos nós opositivos construídos que tem sido predefinidos como únicas posições a partir das quais o discurso é possível. Como, então, pode uma transexual falar? Se a transexual fosse falar, o que diria?

5 Um manifesto pós-transexual

Tentar ocupar um lugar de sujeito falante no enquadramento tradicional de gênero significa se tornar cúmplice no discurso que se deseja desconstruir. Em vez disso, podemos capturar a violência inscrita no corpo transexual e torná-la uma força reconstrutiva. Deixe-me sugerir um exemplo mais familiar. Judith Butler aponta que categorias lésbicas como “butch” e “femme” não são assimilações simples do lesbianismo aos termos da heterossexualidade. Butler as introduz como conceitos de inteligibilidade cultural, e sugere que a masculinidade contextualizada e ressignificada da *butch*, vista em um corpo culturalmente inteligível como de sexo feminino, invoca uma dissonância que tanto gera tensão sexual quanto constitui o objeto de desejo. Ela aponta que esse modo de pensar sobre objetos generificados de desejo admite muito maior complexidade do que o exemplo parece sugerir. Lésbicas *butch* e *femme* lembram a cena heterossexual, mas simultaneamente a deslocam. A ideia de que *butch* e *femme* são “réplicas” ou “cópias” da relação heterossexual subestima o poder erótico de sua dissonância interna (BUTLER, 1990). No caso da transexual, as variedades de gênero performativo, vistas em contraste com um corpo generificado culturalmente inteligível *que é em si uma violência textual medicamente constituída*, geram dissonâncias novas e imprevistas que implicam um espectro inteiro de desejo. Ao apreender “transexual” como texto nós podemos encontrar o potencial para mapear o corpo refigurado no discurso de gênero convencional e então

34 GG se refere a “garota genética” – uma derivação, como a autora explica na nota seguinte, da gíria “garota genuína”. É necessário termos em mente que à época ainda não se havia estipulado, na comunidade trans, “cigênero” como um termo adequado. Intelectuais e ativistas variavam sobremaneira as categorias de qualificação a pessoas que mantinham conformidade a padrões de imutabilidade de gênero hegemonicamente vinculado ao sexo atribuído em nascimento. (N.T.)

35 O sentido verdadeiro de “GG”, uma gíria de mulheres transexuais, é “garota genuína”, também chamada de “genny.”



perturbá-lo, e tirar vantagem das dissonâncias criadas por tal justaposição, de modo a fragmentar e reconstituir os elementos de gênero em geometrias inovadoras e inesperadas. Sugiro que comecemos tomando a acusação de Raymond de que “transexuais dividem mulheres” para além dela mesma, e torná-la uma força produtiva para dividir em múltiplas formas os velhos discursos binários de gênero – bem como o próprio discurso monista de Raymond. Ao privilegiar práticas de inscrição e leitura que são parte dessa invocação deliberada à dissonância, sugiro constituir transexuais não como uma classe ou um “terceiro gênero” problemático, mas como *gênero literário* – um conjunto de textos corporificados cujo potencial para perturbação produtiva de sexualidades estruturadas e espectros de desejo tem ainda que ser explorado.

De modo a efetuar isso, esse gênero literário de transexuais visíveis precisa ser ampliado através do recrutamento de membros que pertencem à classe das invisíveis, das que desapareceram no seio de suas *histórias plausíveis*. A coisa mais crucial que uma transexual pode fazer, a coisa que *constitui* sucesso, é “passar”³⁶. Passar significa viver exitosamente no gênero de escolha, ser aceita como membro “natural” daquele gênero. Passar significa a refutação da mistura. Indivisível da passabilidade é o apagamento do papel de gênero anterior, ou a construção de uma história plausível. Considerando que muitas transexuais escolhem se submeter a redesignação na faixa dos 30 ou 40 anos, isso significa apagar uma porção considerável de sua experiência pessoal. É meu argumento que esse processo, em que transexuais e instituição médico-legal/psicológica são cúmplices, impede a possibilidade de uma vida fundada nas potências *intertextuais* do corpo transexual.

Para negociar essas múltiplas permeabilidades de fronteira e de posição de sujeito, tão inquietantes e produtivas, que a intertextualidade sugere, devemos começar a rearticular a linguagem fundacional através da qual sexualidade e transexualidade são descritas. Por exemplo, nem investigadores nem transexuais deram o passo de problematizar “corpo errado” como categoria descritiva adequada. Na verdade “corpo errado” veio a *definir* a síndrome praticamente de modo automático³⁷.

É compreensível, penso, que uma frase cuja lexicalidade sugere o caráter falocêntrico e binário da diferenciação de gênero seja examinada com a mais profunda suspeita. Enquanto nós, seja acadêmicos, médicos ou transexuais, ontologizarmos tanto a sexualidade quanto a transexualidade desse jeito, impediremos a possibilidade de analisar desejo e complexidade motivacional de um modo que descreva adequadamente as contradições múltiplas da experiência individual vivida.

36 O oposto de passar, ser *lide*, provocativamente invoca as práticas de inscrição a que me referi.

37 Estou sugerindo um ponto de partida, mas é necessário ir muito além. Nós teremos que questionar não apenas como corpo é definido nesses discursos, mas mais criticamente examinar quem tem o poder de dizer o que *corpo* significa.



Precisamos de uma linguagem analítica mais profunda para teoria transexual, uma que permita o tipo de ambiguidades e polivocalidades que já informaram e enriqueceram tão produtivamente a teoria feminista.

Judith Shapiro (*Transsexualism: reflections on the persistence of gender and the mutability of sex* - 1991) aponta que “Para aqueles que... possam estar inclinados a diagnosticar o foco da transexual nas genitais como obsessivo e fetichista, retruco que elas estão na verdade simplesmente se adequando aos critérios *de sua cultura* para redesignação de gênero”. Essa declaração aponta para mecanismos mais profundos, discursos escondidos e pluralidades experienciais no seio do monolito transexual. Não são ainda visíveis clínica ou academicamente, e por um bom motivo. Por exemplo, ao buscar o diagnóstico diferencial, uma questão que às vezes é feita para uma transexual em potencial é “suponha que você possa ser um homem [ou uma mulher] em todos os sentidos exceto nas genitais; você ficaria satisfeita?” Há diversas respostas possíveis, mas apenas uma é clinicamente correta³⁸.

Não é surpresa, assim, que tantos desses discursos girem em torno da frase “corpo errado”. Sob o mito fundador binário falocrático através do qual corpo e sujeitos ocidentais são autorizados, apenas um corpo por sujeito generificado é “correto”. Todos os outros corpos são errados.

Conforme médicos e transexuais continuam a se enfrentar no campo de batalha diagnóstico que esse cenário sugere, as transexuais para quem identidade de gênero é algo diferente de genitais físicas (e que às vezes veem estas como irrelevantes a sua identidade) são obliteradas por aqueles para quem instituições médicas/psicológicas e sua habilidade de atuar como guardiões de normas culturais são a autoridade final do que conta como corpo culturalmente inteligível. Essa é uma área traiçoeira, e se os grupos silenciados conquistassem voz nós poderíamos descobrir que, como teóricas feministas têm reivindicado, identidades individuais de sujeitos corporificados são muito menos resultado de normas físicas, e muito mais diversamente dispersas através de uma estruturação rica e complexa de identidade e desejo que é impossível expressar com precisão atualmente³⁹.

E ainda assim, mesmo no melhor dos debates contemporâneos, o modelo padrão é o de totalização incansável. Considere o exemplo mais evidente neste *paper*, a frase espetacular de Raymond de que “Todos os transexuais estupram corpos de mulheres” (e se ela tivesse dito, por

38 Caso a pessoa leitora esteja insegura, deixe-me fornecer a resposta clinicamente correta: “Não”.

39 É útil e gratificante notar que desde que a primeira versão deste ensaio apareceu em 1991, diversos grupos de coalização, um deles apropriadamente denominado “Transgender Nation”, têm começado a ativamente atuar de modo a trazer a rica diversidade das comunidades transgênero para a atenção pública. Sua ação na conferência de 1993 da Associação Americana de Psicologia, que estava debatendo o cabimento de continuar a incluir transexualidade na próxima edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), foi corajosa e oportuna. É claro, muitas detenções (de ativistas transgênero, não de psicólogos) resultaram.



exemplo, “todos os negros estupram corpos de mulheres”?): malgrado sua intolerância flagrante e imperdoável, a linguagem de seu livro é apenas marginalmente menos totalizante do que a de Gary Kates ao declarar que “transexuais assumem papéis de mulher exagerados e estereotipados”, ou a de Ann Bolin de que “transexuais tentam esquecer sua história como homens”. Tanto os estudos de Kates quanto os de Bolin são em muitos aspectos excelentes trabalhos, e foram publicados na mesma coletânea que uma versão anterior deste ensaio também foi⁴⁰; ainda assim não há sujeitos nesses discursos, apenas objetos homogeneizados, totalizados – replicando fractalmente histórias antigas de discursos sobre minorias. Então, quando eu falo a palavra esquecida, tenho esperança de que talvez ela desperte memórias de outros debates. A palavra é *algumas*.

Transexuais que passam parecem capazes de ignorar o fato de que ao criarem identidades totalizantes e monistas, renunciando a intertextualidade física e subjetiva, impedem a possibilidade de relações autênticas. Sob o princípio de passar, negando o poder desestabilizador de ser “lida”⁴¹, relações se tornam mentiras – e passar, é claro, não é uma atividade restrita a transexuais. Isso é familiar a qualquer pessoa racializada cuja pele é clara o suficiente para passar por branca, ou ao *gay* ou à lésbica no armário... ou a qualquer um que escolheu a invisibilidade como solução imperfeita à dissonância pessoal. Essencialmente eu estou rearticulando um dos argumentos em prol de solidariedade que tem sido desenvolvido por *gays*, lésbicas e pessoas racializadas. A comparação se estende mais amplamente. Desconstruir a necessidade de passar implica transexuais precisarem assumir a responsabilidade por *toda* a sua história, e começar a rearticular suas vidas não como séries de apagamentos em serviço de uma espécie de feminismo concebida no seio do enquadramento tradicional, mas como uma ação política iniciada pela reapropriação da diferença e pelo resgate do poder do corpo refigurado e reinscrito. As perturbações em padrões antigos de desejo que dissonâncias múltiplas do corpo transexual sugerem, produzem não uma alteridade irreduzível mas uma *miríade* de alteridades, cujas justaposições inesperadas carregam consigo o que Donna Haraway chamou de promessas de monstros – fisicalidades de figura e fundo constantemente em mudança que excedem o enquadramento de qualquer representação possível⁴².

A essência do transexualismo é o ato de passar. Uma transexual que passa está obedecendo ao imperativo Derridiano: “Gêneros não podem ser misturados. Eu não misturarei gêneros” (DERRIDA, 1980). Eu não posso pedir para uma transexual nada mais inconcebível do que renunciar à passabilidade, do que ser conscientemente “lida”, do que ler a si mesma em voz alta –

40 Esses ensaios apareceram em Straub e Epstein (1991).

41 “Ser lida” é gíria com múltiplos significados, mas de um modo geral se refere a decodificar a verdade sobre alguém. E como Stone menciona brevemente em nota de fim, pode operar como oposição a passar – sendo, portanto, não esconder a verdade sobre si, mas ostentá-la para que outras a percebam de modo inequívoco. (N.T.)

42 Para uma elaboração desse conceito, ver Haraway (1991).



e, através dessa leitura produtiva e inquietante, começar a *escrever a si mesma* nos discursos em que havia sido escrita –, efetivamente, então, se tornando (cuidado – será que ousou dizer de novo?) uma pós-transexual⁴³.

Ainda assim, transexuais sabem que silêncio pode ser um preço extremamente alto a se pagar por aceitação. Quero falar diretamente a irmãos e irmãs que podem ler/“ler” isso e dizer: peço a todes nós que usemos a força que nos sustentou através do esforço de reestruturação de nossa identidade e, que tem também nos ajudado a viver em silêncio e negação, para reimaginar nossas vidas. Eu sei que vocês sentem que grande parte de seu trabalho já foi feito e que o preço da invisibilidade não é lá tão alto. Mas, ainda que mudança individual seja o alicerce de todas as coisas, ela não é o fim de todas as coisas. Talvez seja tempo de começar a construir as bases para a próxima transformação.

6 Posfácio (2000)

No breve tempo, ou é o que parece, desde que este ensaio foi primeiro escrito, a situação no que toca à articulação de uma posicionalidade especificamente transgênero tanto nas ruas quanto na academia em face à teoria se modificou profundamente, e continua a se desenvolver. Se o *paper* original de “Império” teve o privilégio de ser um indicador afortunadamente pertinente ou se ele despertou com sucesso o princípio “construa-a-coisa-e-elus-virão”, não podemos saber; mas os resultados não são menos gratificantes por ignorarmos isso. Teoria transgênero (ou pós-transgênero) parece ter engajado exitosamente com discursos emergentes da teoria *queer* em muitos aspectos mutuamente produtivos, e isso é motivo para celebração cautelosa. É desnecessário dizer, no entanto, que começos são períodos delicados e críticos em que, enquanto as pedras fundamentais ainda estão expostas, é necessário prestar atenção diferenciada a detalhes. Para esta autora, é um momento particularmente promissor e interessante para estar viva e escrevendo.

7 Agradecimentos

Agradeço a Gloria Anzaldúa, Laura Chernaik, Laura Chernaik, Ramona Fernandez, Thyrsa Goodeve e John Hartigan pelos seus comentários valiosos aos primeiros rascunhos desse *paper*; a Judy Van Maasdam e Donald Laub do Programa de Disforia de Gênero de Stanford por seu auxílio constrangido; a Wendy Chapkis, Nathalie Magan e The Olivia Records Collective, por cujo

43 Também chamo atenção para Gloria Anzaldúa e sua teoria da mestiça, um sujeito ilegível vivendo nas fronteiras entre culturas, capaz de discurso parcial em cada uma mas sempre apenas parcialmente inteligível para cada. Trabalhando a contrapelo dessa posição, a “nova mestiça” de Anzaldúa tenta vencer a ilegibilidade parcialmente ao tomar controle do discurso e da inscrição e escrever a si mesma no discurso cultural. O deslumbrante “Borderlands” é o caso em questão. Ver Anzaldúa (1987).



cuidado em tempos difíceis sou profundamente grata; a Janice Raymond, por ser o Luke Skywalker do meu Darth Vader; a Graham Nash e a David Crosby; A Christy Staats e a Brenda Warren pela sua perseverança. Especialmente, agradeço a Donna Haraway, cujo *insight* e encorajamento continuam a informar e iluminar meu trabalho.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. 2nd ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BENJAMIN, Harry. *The Transsexual Phenomenon*. New York: Julian Press, 1967.

CONN, Canary. *Canary: The story of a transsexual*. New York: Bantam Books, 1977.

DERRIDA, Jacques. The Law Of Genre. Tradução: Avital Ronell. *Critical Inquiry*, Glyph v. 7, n. 1, p. 55-81, 1980.

DOCTER, Richard F. *Transvestites and Transsexuals: Toward a theory of crossgender behavior*. New York: Plenum Press, 1988. (Perspectives in Sexuality).

ELBE, Lili. *Man Into Woman: An authentic record of a change of sex. The true story of the miraculous transformation of the Danish painter, Einar Wegener (Andreas Sparre)*. Edição: Niels Hoyer (Ernst Ludwig Harthern Jacobsen). Tradução: Henry James Stenning. New York: Edward Payson Dutton, 1933.

FAITH, Karlene. *If it weren't for the music: a history of Olivia Records*. No prelo.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: being the recently discovered memoirs of a nineteenth-century French hermaphrodite*. New York: Pantheon, 1980.

FRAZER, Sir James George. *The Golden Bough, a Study in Magic and Religion*. London: Macmillan, 1911.

GATENS, Moira. A Critique of the Sex-Gender Distinction. In: ALLEN, Judith; PATTON, Paul (ed.). *Beyond Marxism? Interventions After Marx*. Leichhardt: Intervention Publications, 1988.

GRAHN, Judy. *Another mother tongue: gay words, gay worlds*. Boston: Beacon Press, 1984.

GREEN, Richard; MONEY, John (ed.). *Transsexualism and Sex Reassignment*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1969.

GROSZ, Elizabeth. Freaks. *Social Semiotics*, Camperdown, v. 1, n. 2, p. 22-38, 1991.

HARAWAY, Donna. A Manifesto for Cyborgs: science, technology and



socialist feminism in the 1980s. *Socialist Review*, United Kingdom, n. 80, p. 65-107, 1985.

HARAWAY, Donna. Teddy Bear Patriarchy: Taxidermy in the Garden of Eden, New York City, 1908-1936. *Social Text*, n. 11, p. 20-64, 1984.

HARAWAY, Donna. The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others. In: TREICHLER, Paula; NELSON, Cary; GROSSBERG, Larry (ed.). *Cultural Studies*. New York: Routledge, 1991. p. 295-337.

HOYER, Niels. Man Into Woman, 1933. [See Elbe, Lili.]

IRVINE, Janice M. *Disorders of Desire: sex and gender in modern American sexology*. Philadelphia: Temple University Press, 1990.

LAUB, Donald Rudolph; GANDY, Patrick (ed.). *Proceedings of the Second Interdisciplinary Symposium on Gender Dysphoria Syndrome*. Stanford: Stanford Medical Center, 1974.

LOTHSTEIN, Leslie Martin. *Female-to-Male Transsexualism: historical, clinical and theoretical issues*. Boston: Routledge & Kegan Paul Books, 1983.

MORRIS, Jan. *Conundrum*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974.

NETTICK, Geri; ELLIOT, Beth. The Transsexual Vampire. In: NETTICK, Geri; ELLIOT, Beth. *Lonely and a long way from home: The life and strange adventures of a lesbian transsexual*. [S. l.: s. n.] No prelo.

RAYMOND, Janice. *The Transsexual Empire: The making of the she-male*. Boston: Beacon, 1979.

RIDDELL, Carol. *Divided Sisterhood: a critical review of Janice Raymond's the Trans-sexual Empire*. Liverpool: News From Nowhere, 1980.

SHAPIRO, Judith. Transsexualism: reflections on the persistence of gender and the mutability of sex. In: STRAUB, Kristina; EPSTEIN, Julia (ed.). *Body Guards: the cultural politics of gender ambiguity*. New York: Routledge, 1991. p. 248-279.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. In *Other Worlds: essays in cultural politics*. New York: Routledge, 1988.

STAR, Hedy Jo. *I Changed My Sex! The autobiography of stripper Hedy Jo Star formerly Carl Hammonds*. United States: Allied, 1955.

STEINER, Betty (ed.). *Gender Dysphoria Syndrome: development, research, management*. New York: Plenum Press, 1985.

STOLLER, Robert J. *Presentations of Gender*. New Haven: Yale University Press, 1985.

STONE, Allucquère Rosanne. In *The Belly Of The Goddess: "Women's Music", Feminist Collectives, and the Cultural Arc of Lesbian*



Separatism, 1972-1979. [S. l.: s. n.] No prelo.

STONE, Allucquère Rosanne. Virtual Systems. *In*: STONE, Allucquère Rosanne. Zone 6: fragments for a History of the Human Body, incorporations. New York: Urzone, 1992. (Zone Books).

STONE, Allucquère Rosanne. Will the Real Body Please Stand Up? Boundary Stories About Virtual Cultures. *In*: BENEDIKT, Michael (ed.). *Cyberspace: First Steps*. Massachusetts: The MIT Press, 1991.

STRAUB, Kristina; EPSTEIN, Julia (ed.). *Body Guards: The Cultural Politics of Gender Ambiguity*. New York: Routledge, 1991.

STRYKER, Susan. *Queer Pulp: perverted passions from the golden age of the paperback*. [S. l.]: Chronicle Books, 2001.

WALTERS, William A.W.; ROSS, Michael W. *Transsexualism and Sex Reassignment*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

